



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

IMIGRAÇÃO E XENOFOBIA: POR UMA LEGIBILIDADE IMAGÉTICA OUTRA

Caio Vinicius Quirino Félix de Oliveira

Universidade de São Paulo

caio.felix@usp.br

Valéria Cazetta

Universidade de São Paulo

vcazetta@usp.br

Resumo

Analizamos, neste texto, um conjunto de imagens sobre a temática da imigração e da xenofobia em dois livros didáticos de Geografia, utilizados em escolas da rede pública de ensino da prefeitura da cidade de São Paulo. A partir da escolha dos capítulos que tratam sobre imigração, relacionamos os textos explicativos com suas imagens correspondentes para problematizar o modo como elas ainda são usadas, incansavelmente, para dar visibilidade e representar a narrativa escrita. Buscamos também discutir como tais imagens podem ser pensadas desde um “conhecimento pela montagem”, conforme o multifacetado *modus operandi* didihubermaniano. Nele, a imagem faz parte de um duplo regime que “desmonta” a história cronológica e progressiva dos acontecimentos, revelando a descontinuidade e o caráter conflituoso e incompleto das mudanças históricas. De outro lado, a montagem desloca nossa percepção costumeira sobre as relações entre as coisas ao interromper pensamentos já conhecidos sobre as imagens, geralmente associados a clichês linguísticos. Portanto, ao olhar as imagens relacionadas à imigração e à xenofobia nos referidos livros, delineamos como objetivo específico explorar como essas imagens podem ser vistas não só como meras ilustrações, mas também como *sobrevivências*, uma vez que a *redisposição das coisas* pode nos fazer enxergar as imagens de maneira diferente ou como se fosse pela primeira vez, cujo efeito pode ser de uma abertura em nossos olhos, fazendo-nos ver e confrontar com singularidades e tempos heterogêneos que atravessam uma imagem.

Palavras Chave: Imigração; Educação; Livro didático de Geografia; Análise de imagens.

Introdução

Objetivamos, neste estudo, analisar as imagens sobre imigração e xenofobia em dois livros didáticos de geografia, da coleção “Vontade de Saber” (Torrezani, 2018), voltados para os dois anos finais do Ensino Fundamental e que estão sendo usados em algumas escolas públicas da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo. Fizemos uma análise das imagens desses dois livros, buscando compreender a relação entre os discursos escritos e imagéticos acerca da xenofobia e da imigração. Partimos do seguinte pressuposto: pensar a xenofobia como sentimento baseado no medo do estranho ou estrangeiro, uma vez que quem o sente e/ou pratica, age como um observador dentro de um território encerrado, que rejeita quem está fora. Logo, esse sentimento se apoia numa comunidade, numa delimitação espacial, que marca as fronteiras de quem merece estar dentro e quem precisa ser expulso para o exterior.



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

Desenvolvimento

No capítulo “A globalização e o mundo atual” do livro didático, voltado para o nono ano, a geógrafa Neiva Torrezani descreve a xenofobia como um sentimento baseado na aversão à pessoa estrangeira. Com a globalização do mundo contemporâneo, o fluxo de trabalhadores pelo mundo proporcionou contribuições culturais e econômicas, e, ao mesmo tempo, aumentou a sensação de medo e insegurança dos grupos locais em relação aos contatos com outros povos. A autora destaca, por fim, que a xenofobia concerne a um fenômeno crescente, acarretando violências físicas e verbais contra os imigrantes, e apresenta duas fotografias de protestos na Europa.

Na primeira, uma manifestação a favor da xenofobia em Berlim, cinco alemães seguram um cartaz com algumas frases que não estão traduzidas para o português. A autora descreve na legenda que são manifestantes contra a imigração na Alemanha, e, na imagem, é possível ver três homens com um leve sorriso no rosto, como se estivessem “brincando” ou ironizando aquela situação. A segunda fotografia, que está na página seguinte, busca dar visibilidade ao combate à xenofobia, a partir de um protesto contra o racismo na cidade de Londres; com muitas placas e frases acolhedoras em relação aos imigrantes, a maioria das pessoas (brancas) que está ali, pode nos fazer supor que são os próprios ingleses que estão manifestando-se.

Ao olhar as duas imagens, é possível perceber que a fotografia do protesto em Berlim tem um tamanho bem maior do que a imagem da manifestação em Londres. A imagem dos xenófobos alemães está centralizada no meio da página, enquanto aquela do protesto em Londres está localizada na parte inferior da página. Essas escolhas de como as imagens são expostas nos dois livros didáticos e seus efeitos podem estar relacionadas a uma espécie de “conhecimento pela montagem” (DIDI-HUBERMAN, 2015).

A partir do filósofo Walter Benjamin (1994) - acerca de como as imagens costumam aparecer no núcleo dos processos históricos, fazendo com que a própria história possa ser visualizada em imagens -, Georges Didi-Huberman (2015) nos convida a pensar como a imagem pode ter um duplo regime que “desmonta” a história. Isto é, a imagem pode tanto “desmontar” a história no sentido da “surpresa”, de uma desordem que interrompe nossos pensamentos habituais sobre aquela imagem, quanto pode “desmontar” no sentido de parar o funcionamento de uma máquina, ao dismantelar suas peças, para melhor enxergar como aquela estrutura funciona. Logo, esse duplo regime visual pode ser entendido como um “salto” ao desconstruir a ilusão do tempo contínuo, oriundo de uma concepção de história linear e progressiva.

Voltando às duas fotografias analisadas e sua disposição nas páginas, ao problematizarmos a relação entre essas imagens, interpelamos sobre o tamanho da imagem da manifestação racista em comparação com a do protesto a favor dos imigrantes, já que é possível ver que o preconceito e a discriminação contra os imigrantes na Alemanha ganharam mais espaço no livro do que a imagem que representava a luta contra a xenofobia. Ao ampliar a imagem da manifestação em Berlim e aguçar nosso olhar para os detalhes, podemos “desmontá-la”, retirando-a, ao mesmo tempo, da aparência de continuidade na representação



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

representação” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 136) ao não problematizar a dura realidade dos trabalhadores bolivianos nas oficinas de costura, tão salientada no texto. A imagem da festa típica busca dar visibilidade às resistências da comunidade boliviana para preservar a sua cultura, mas, ao se atentar aos detalhes, percebe-se um palco com algumas pessoas e o público, sem nenhum traço cultural que identifique as tradições da Bolívia. Logo, essa fotografia adensa todo repertório de imagens da cultura boliviana em São Paulo, produzindo o efeito de visibilidade “geral” e inteira da cultura boliviana, mas que deixa de nos fazer ver o particular, as singularidades, as cores, sabores e sofrimentos de pessoas que poderiam ser expostas.

Ademais, a escolha de uma imagem genérica, que se esquivava do “mal-estar” das condições dos trabalhadores bolivianos na metrópole paulista, também oferece uma legibilidade outra ao inserir essa mesma fotografia como “ameaça” à representação política e estética dos imigrantes bolivianos. No livro “Pueblos expuestos, pueblos figurantes”, Didi-Huberman (2014) levanta a seguinte hipótese: ao contrário do que a era da comunicação e da internet pode fazer parecer, os povos, na exposição mesma de suas imagens, podem estar “expostos” a desaparecer, graças a “subexposição” ou “superexposição” de suas imagens. Para o autor, a subexposição pode ser vista quando uma equipe de televisão não envia seus fotógrafos e/ou repórteres para cobrir um fato baseado em injustiça; e a superexposição se relaciona a uma repetição de imagens apoiadas em estereótipos e clichês linguísticos. Contudo, para ele, é possível reunir subexposição e superexposição em uma mesma imagem, na qual os povos contemporâneos são expostos de forma difusa, apagada. Assim, ao voltarmos à análise da imagem no livro didático, nos perguntamos como a imagem do palco, em uma festa típica da cultura boliviana em São Paulo, pode negar o “direito à imagem” (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 15) dos imigrantes bolivianos, ao ser mostrado um cenário esvaziado de pessoas. Não é possível ver, na imagem, os rostos dos imigrantes bolivianos, seus gestos, seu direito como grupo social a expor suas imagens, a manifestar suas diferenças na edificação de uma humanidade comum. Será que essa fotografia pode simular uma representação de uma comunidade privada de sua própria imagem? Como construir uma “legibilidade das imagens” (BENJAMIN, 1994) que levante um questionamento, na busca de uma reformulação que restitua a dignidade da figura de determinados imigrantes ao implicar o reconhecimento do outro?

No livro do oitavo ano da mesma coleção “Vontade de Saber” (2018), o tema da imigração é abordado no capítulo “Dinâmicas migratórias da população mundial”, interrogando como alguns países latino-americanos de baixo índice de desenvolvimento econômico são “áreas de repulsão” (TORREZANI, 2018, p. 25) - lugares de onde as pessoas emigram para outros países. A autora cita países, como, El Salvador, Guatemala, Honduras, Haiti e Venezuela, que, segundo ela, exemplificam lugares de onde as pessoas têm emigrado em busca de melhor qualidade de vida. No final do texto, vê-se uma fotografia panorâmica de Porto Príncipe, capital do Haiti, com a seguinte legenda (com destaque nosso): “Vista de área carente de Porto Príncipe, Haiti, 2017. **O país é um dos mais pobres do continente africano** e, após o terremoto que assolou o país em 2010, os fluxos migratórios aumentaram ainda mais.” Essa informação falsa sobre a localização geográfica do Haiti assombra por estar em



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

um livro de caráter educativo que atinge milhares de jovens da rede de ensino público na cidade de São Paulo, mas, talvez, possamos tentar compreender as “desrazões” dessa história.

Em seu livro “Xenofobia, medo e rejeição ao estrangeiro”, o historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2016) discute uma face da xenofobia que, segundo ele, é pouco considerada: a invisibilidade e o menosprezo de algumas áreas e populações do mundo. Para o autor, cria-se uma imaginação hierárquica e classificatória dos povos no planeta, relegando algumas populações a serem estrangeiras em relação ao próprio mundo. O historiador elabora o conceito de “ser desclassificado” para explicar como os estrangeiros, ao chegarem em um sistema nacional já fechado, tendem a cair num “vazio” classificatório, em que sua própria condição de estrangeiridade passa a ser a categoria que o vai definir, como um ser desclassificado (ALBUQUERQUE, 2016, p. 124). Para operar com esse conceito, o autor traz fatos históricos do Haiti e mostra como este se transformou nesse país “invisibilizado” em relação ao resto do planeta. A revolução haitiana foi um acontecimento histórico visto de forma negativa pelos países que tinham o modo de trabalho baseado na escravidão, ocasionando inúmeros bloqueios econômicos para o país.

Voltando para a imagem do Haiti com a legenda incorreta sobre sua localização no planeta, é possível pensar no Haiti como um lugar “desclassificado”, dadas as suas condições sob a batuta da “estrangeiridade” em relação ao próprio mundo - baseado numa mentalidade que desconsidera esse espaço como digno de classificação e consideração. Podemos imaginar como seria se estivéssemos olhando no livro uma imagem da França, com a legenda nos explicando que ela está localizada no continente asiático...

Conclusões

Na introdução do texto, analisamos duas fotografias que trazem europeus protestando contra e a favor da imigração para representar a xenofobia; depois, uma imagem da festa típica da cultura boliviana e, no final, uma fotografia aérea da capital do Haiti com um equívoco gritante de localização. Em todas as imagens estudadas, não são mostradas as pessoas que sofrem as atitudes discriminatórias da xenofobia, os imigrantes. No livro didático de geografia enfatizou-se como os choques e contatos culturais estão deixando marcas cada vez mais latentes nas sociedades atuais, mas a preocupação com o conjunto de ilustrações deixou de lado os próprios sujeitos desse processo.

O uso de fotografias que buscassem simbolizar os movimentos migratórios mundiais e a xenofobia não conseguiram explorar a potência que o discurso imagético pode ter para nos fazer pensar e sentir a xenofobia, pois, pensando junto com Didi-Huberman, as imagens foram usadas tão somente de modo iconográfico e não como imagens que implicam “o sintoma e o inconsciente” da própria imagem, isto é, uma imagem que, a partir de sua montagem, desmontagem e remontagem, propõe um novo conhecimento e oferece uma “legibilidade” outra do nosso presente, onde um instante de memória aparece como um raio que lampeja o mal-estar de nossa cultura e os sofrimentos do mundo.

As imagens desses dois livros didáticos de geografia não mostram as resistências empreendidas por imigrantes contra sua subordinação e invisibilização, entretanto, a partir do conhecimento pela montagem, sugerido por Georges Didi-Huberman, buscamos vê-las



VI Colóquio Internacional
“A educação pelas imagens e suas geografias”

Campinas, 08 a 10 de novembro de 2021.

acompanhadas de uma crítica da representação que “toma posição” ao construir um discurso textual e imagético em torno das lutas e dores da população imigrante, das relações de poder que carregam consigo reações a elas, de pessoas e imagens que resistem apesar de tudo.

Assim, o conjunto de imagens expostas e estudadas sobre a imigração procura se conectar aos ditos e escritos históricos sobre a xenofobia para compreender a emergência desse sentimento, que nos leva ao esforço de uma compreensão ligada ao cognitivo e à emoção, no sentido de sensibilizar para transformar. Os livros didáticos analisados são dirigidos a milhares de alunos das escolas públicas na cidade de São Paulo, e intentamos refletir, neste texto, sobre como as imagens podem ser capazes de atenuar um discurso baseado em hierarquia e violência como é a xenofobia. Na tentativa de remontar outros cenários discursivos, imagéticos e narrativos, podemos assumir a responsabilidade sobre o processo de desumanização sofrido pelos corpos alvos de xenofobia e montar imagens que nos convoquem ao reconhecimento, à identificação e à empatia por seres humanos que são diversos e semelhantes ao mesmo tempo.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Xenofobia: medo e rejeição ao estrangeiro**. São Paulo: Cortez, 2016.

BAENINGER, Rosana (org.). **Imigração boliviana no Brasil**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política – Obras escolhidas**. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: História da arte e anacronismo das imagens**. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Pueblos expuestos, pueblos figurantes**. Traducción: Horacio Pons. Buenos Aires: Manantial, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tomam posição**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber: geografia: 8º ano: ensino fundamental: anos finais**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

TORREZANI, Neiva Camargo. **Vontade de saber: geografia: 9º ano: ensino fundamental: anos finais**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.